FRONTEIRA SUL EM RESENHA * 3/2026
ISSN 3086-6634

AS MÚLTIPLAS FACES DO CONTESTADO: FÉ, CONFLITO E RESISTÊNCIA

Cinthia Martines[1]
Gabriela Schaun Wadenphul[2]
Simoni Chiossi[3]

Referência:
VALENTINI, Delmir José. **Da Cidade Santa à Corte Celeste**: Memórias de Sertanejos e a Guerra do Contestado. 3. ed. Caçador: Universidade do Contestado, 2003. 168p.



O livro *Da Cidade Santa à Corte Celeste: Memórias de Sertanejos e a Guerra do Contestado*, do historiador Delmir José Valentini, Mestre e Doutor pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), Professor da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), propõe uma reflexão acerca das

[1]Acadêmica de Medicina - UFFS - Campus Chapecó - cinthia.martines@estudante.uffs.edu.br
[2]Acadêmica de Medicina - UFFS - Campus Chapecó - gabriela.wadenphul@estudante.uffs.edu.br
[3]Acadêmica de Medicina - UFFS - Campus Chapecó - simoni.chiossi@estudante.uffs.edu.br

transformações religiosas, políticas, sociais e geográficas na história na região do Contestado.

Valentini parte de uma perspectiva de valorização dos sujeitos historicamente marginalizados na história da Guerra do Contestado (1912-1916), apresentando a saga de luta dos sertanejos em defesa de suas terras e de seus modos de vida. Por meio da coleta de depoimentos orais e de fontes diversas, o autor constitui sua narrativa por meio da análise comparativa dos documentos e memórias. Fruto de uma dissertação de mestrado, o livro de Valentini já se encontra na quarta edição (Argos, 2019). Nesta resenha, apresentamos a terceira edição, publicada em 2003 pela Universidade do Contestado..

Delmir Valentini inicia seu livro justificando que a região do Contestado e os conflitos inerentes à sua história, na época de suas pesquisas iniciais na pós-graduação nos anos 1990, eram pouco estudados e, consequentemente, as referências eram escassas. Valentini também assinala que boa parte da produção histórica sobre a região do Contestado é marcada por preconceitos e estereótipos atribuídos à cultura sertaneja. Em contraponto à história tradicional, notadamente voltada à uma narrativa laudatória da história das elites agrárias do início da República, a abordagem da chamada Nova História, vertente historiográfica seguida pelo autor, permitiu-lhe um estudo voltado à valorização da diversidade sócio-cultural, integrando as dimensões socioeconômicas, políticas e religiosas dos diferentes grupos e personagens atravessados pelos acontecimentos da Guerra do Contestado.

O livro é composto por cinco capítulos. A linguagem adotada pelo autor é predominantemente clara, descritiva e acessível, sem perder o rigor acadêmico. Além disso, o historiador utiliza uma narrativa que intercala análise de documentos históricos com depoimentos e registros memorialísticos, proporcionando ao leitor uma leitura nua e crua da realidade humana da participação dos sertanejos na Guerra do Contestado.

No Capítulo I, intitulado “Cenário e Protagonistas”, Valentini apresenta uma descrição detalhada do espaço físico e social onde se desenvolveu a Guerra do Contestado. Lócus de uma rebelião sertaneja vivida no chamado “tempo dos redutos” ou “tempo dos jagunços”, o cenário e as personagens são apresentados pelo autor de forma rigorosa. A região é dividida, resume o autor, entre duas partes principais: uma é descrita como a Zona dos Campos, incluindo as regiões dos atuais municípios de Campos Novos, Curitibanos e

Lages, marcadas por boas pastagens, porém com solo arável limitado devido às camadas de basalto; nessa área, eram comuns as feiras comerciais que aproveitavam os pequenos povoados para o estabelecimento de pontos de parada e de abastecimento das tropas, reproduzindo a feira de Sorocaba, a maior feira de animais em todo o país; a outra é a Zona das Matas, região de Caçador, Joaçaba e Chapecó, caracterizada pela fertilidade do solo e pela abundância de recursos naturais, como erva-mate, madeiras de lei e extensos pinheirais de araucária. O autor também descreve o clima temperado, com invernos rigorosos e chuvas prolongadas, além da presença das bacias hidrográficas dos rios Uruguai e Iguaçu e de uma fauna diversificada, utilizada como fonte de alimentação por indígenas, caboclos e colonos.

Ao abordar o processo de ocupação da região no Período Colonial (1500-1822), Valentini destaca que a formação dos povoados receberam contribuições de populações de diversas regiões atraídas pela expansão de fazendas de criação de gado. Estas populações se estabeleceram no interior por meio dos caminhos de tropeiros conectados ao ciclo do ouro e do charque, ressaltando a formação de uma sociedade pastoril hierarquizada. Nesse contexto, o autor evidencia a condição de caboclos, peões e agregados, que viviam da terra sem acesso à sua posse legal, enfrentando exploração e abandono por parte dos governantes. O autor também critica os impactos da colonização e da exploração econômica, como a substituição da vegetação nativa e a devastação das florestas de araucárias (p.19-22).

Segundo o autor, a questão de limites nacionais e internacionais na região teve origem nas disputas entre Portugal e Espanha pela definição das fronteiras do sul das Américas, porém os conflitos territoriais permaneceram no Império e na República, especialmente a Questão de Palmas ou de Missiones que opôs Brasil e Argentina em conflito diplomático pela definição das fronteiras do Brasil meridional com a província de Missiones nas décadas de 1880 e 1890. Já no período republicado, findado o conflito entre os dois países, a região dos antigos Campos de Palmas, passou a ser alvo de novas disputas no estabelecimento de limites territoriais, agora entre Santa Catarina e Paraná. Todos estes considerandos foram apresentados pelo autor como elementos de tensão que contribuíram para a formação do território "contestado".

Já na segunda década do Brasil República, no contexto das políticas de expansão das malhas de transporte ferroviário, a atuação de empresas

estadunidenses contratadas pelo governo brasileiro na construção da ferrovia São Paulo-Rio Grande que cortava de norte a sul o interior dos estados de Paraná e Santa Catarina é apontada como um dos fatores centrais na intensificação dos conflitos, na medida em que empresas como a Brazil Railway Company e a Southern Brazil Lumber and Colonization Company, companhias norte americanas dedicadas à construção de ferrovias, extração de madeira e projetos de colonização, pagas pelo governo brasileiro, promoveram a exploração de trabalhadores, a expulsão de posseiros e a apropriação de terras já ocupadas por inúmeras comunidades, evidenciando a lógica violenta e excludente de ocupação e desenvolvimento imposta à região.

No Capítulo II, "Igreja e Crença", Valentini descreve a religiosidade como elemento fundamental para a compreensão do cotidiano e da organização dos sertanejos, destacando sua relação direta com as condições de vida marcadas pelo abandono e pela ausência do Estado. O autor assinala que, embora a Igreja institucional estivesse presente por meio da atuação no local de padres e frades, como os franciscanos que percorriam grandes distâncias enfrentando privações, sua atuação nem sempre atendia plenamente às necessidades da população, especialmente diante da cobrança por sacramentos como batismos e casamentos.

Nesse contexto, os monges populares passam a ocupar o vácuo da igreja oficial. A fé nestes curandeiros e líderes nômades e andarilhos encontrou maior receptividade entre os caboclos, sertanejos e populações camponesas da região. Os monges foram reconhecidos por oferecer conforto espiritual, conselhos e práticas de cura, assumindo, muitas vezes, funções semelhantes às do padre. Valentini destaca a presença de crenças que mesclavam elementos do catolicismo com práticas de origem europeia medieval, indígena e africana, incluindo o uso de ervas medicinais, práticas e rituais fundados na crença em profecias e castigos sobrenaturais, interpretados como respostas às dificuldades vividas.

Entre as figuras centrais da crença popular dos sertanejos, destacam-se: João Maria de Agostini, italiano de grande influência nas décadas de 1840 e 1850 na região sendo associado a milagres e ao desapego material; João Maria de Jesus, que, no final do século XIX, era descrito como homem de sotaque espanhol que apresentava práticas semelhantes e reforçava o caráter profético; e José Maria de Santo Agostinho, atuante nas primeiras décadas do século XX, curandeiro e líder carismático ligado diretamente aos acontecimentos do

conflito, cuja morte em combate foi seguida pela crença, entre seus seguidores, de que ressuscitaria e retornaria para liderar seus fiéis.

O autor também evidencia críticas à forma como a Igreja institucional via essas lideranças, muitas vezes desacreditando-as. Um exemplo disso ocorreu quando Frei Rogério, importante autoridade católica na região, solicitou que João Maria de Jesus não realizasse mais batismos, exceto em situações de perigo iminente de morte. Além disso, em seus sermões, o religioso incentivava a população a não seguir os conselhos do monge, demonstrando a preocupação da Igreja em manter o controle das práticas religiosas e da autoridade espiritual na região. Tal postura revela as tensões existentes entre a religiosidade popular, fortemente associada aos monges, e a estrutura eclesiástica oficial.

A crença na ressurreição de José Maria, após sua morte em confronto com as forças oficiais, é apresentada como uma importante expressão da relevância dos monges no imaginário religioso coletivo dos sertanejos. A esperança de seu retorno contribuiu para o fortalecimento da coesão do movimento e a manutenção da resistência no início e durante o conflito, revelando a força simbólica dessas lideranças na organização social e religiosa da população do Contestado.

No capítulo III, “Redutos da fé”, o historiador analisa a formação dos redutos sertanejos no início da Guerra do Contestado, destacando-os como comunidades coletivas organizadas a partir de motivações religiosas e da busca por justiça social. Após a peregrinação liderada por José Maria pelas regiões de fronteira entre Paraná e Santa Catarina, instalou-se o primeiro confronto com as forças policiais e do exército do Paraná, em 1912. Neste conflito, o Monge José Maria é morto e os sobreviventes se reorganizam e se reagrupam nas clareiras das matas, reunindo-se ali indivíduos de diferentes origens. O autor também destaca a existência dos “piquetes”, responsáveis pela obtenção de recursos e expansão do movimento, revelando uma estrutura dinâmica que, inicialmente, combinava abundância, fervor religioso e relativa organização interna sob lideranças simbólicas e estratégicas.

Entretanto, Valentini problematiza a progressiva deterioração desses redutos à medida que o conflito avança e a violência do Estado recrudesce. O ideal coletivo que marcou a organização dos Redutos foi substituído por um cenário de escassez, violência e desorganização, sobretudo sob a liderança de do sertanejo Adeodato. Em abordagem cronológica, o autor percorre

diferentes redutos, como Taquaraçú, Caraguatá e Santa Maria, analisando o impacto de mudanças de liderança, crises que intensificaram os confrontos internos e epidemias, fatores que contribuíram para a derrota final em São Pedro. Apesar do desfecho marcado pela exaustão e dispersão dos sertanejos, a análise ressalta a resistência e a bravura do grupo, conferindo uma leitura crítica que valoriza tanto as contradições quanto a força simbólica do movimento (p. 99-125).

No capítulo IV, intitulado e dedicado aos "Personagens", o historiador analisa as principais lideranças da Guerra do Contestado, articulando suas trajetórias a partir de dimensões sociais, espirituais e individuais. O autor contextualiza a reorganização do movimento após a morte de José Maria, destacando figuras como Eusébio Ferreira dos Santos e Querubina, além da importância simbólica das visões religiosas manifestadas nos ritos que contribuíam para a consolidação dos redutos. Ao longo do capítulo, evidencia-se a diversidade de lideranças, com destaque inicial para figuras femininas como Chica Pelega e Maria Rosa, cuja atuação simbólica e profética lhes conferiram prestígio. Em seguida, discute-se a ascensão de lideranças de perfil militar, como Venuto Baiano, que se destacou principalmente pela liderança armada dentro do movimento, organizando ataques, emboscadas e estratégias de combate contra tropas federais e forças estaduais. Sua atuação ficou marcada pela participação em confrontos importantes, como os ataques às vilas de Calmon e São João dos Pobres, além de sua influência nos redutos sertanejos após a destruição do reduto de Taquaruçu.

Na sequência, Delmir Valentini apresenta outros líderes relevantes, como Oligário Ramos, Agostinho Saraiva e Francisco Alonso, destacando suas estratégias militares, prestígio e mortes em combate, elementos que refletem a intensificação do conflito e suas contradições. Valentini também evidencia fissuras internas ao abordar deserções, disputas e execuções entre os próprios sertanejos, além de casos como o de "Papudo", que apresentou-se com os seus homens em Canoinhas, e, posteriormente, fora posto em liberdade, cuja rendição permite discutir um processo mais amplo de enfraquecimento do movimento. Encaminhando-se para o final do livro, o autor constrói uma forte expectativa em torno de Adeodato, um dos principais líderes da Guerra do Contestado, que conquistou prestígio entre os sertanejos por demonstrar firmeza, autoridade e grande capacidade de comando. Adeodato assumiu, simultaneamente, funções políticas, militares e religiosas dentro do

movimento, tornando-se uma figura central para a resistência cabocla. Dessa maneira, o autor não se limita apenas a descrever os personagens, mas os posiciona de forma crítica na dinâmica histórica do conflito, proporcionando ao leitor uma interpretação mais ampla, humana e multifacetada sobre a realidade do Contestado (p.131-156).

No último capítulo, denominado "Adeodato e o Crepúsculo", Valentini analisa detalhadamente a trajetória de Adeodato Manoel Ramos durante a fase mais violenta da Guerra do Contestado, buscando ir além da visão simplista que o definiu como um líder apenas brutal. Para compreender o estigma de extrema crueldade que recai sobre o comandante dos revoltosos caboclos, o autor pondera que as suas ações mais violentas ocorreram no período de agonia dos redutos, quando a severa repressão militar do Estado, o surto epidêmico de tifo e a fome generalizada desestruturaram completamente as comunidades caboclas (p. 143-144).

Nesse cenário de iminente colapso e desespero, a brutalidade de Adeodato emergiu como um recurso político e militar estrategicamente violento para conter as deserções em massa, as quais eram ativamente estimuladas pelas promessas de anistia do governo (p. 151). Portanto, a violência centralizada pelo líder, manifestada na execução de companheiros acusados de derrotismo e na proibição do luto, não deve ser interpretada como mera perversidade intrínseca, mas sim como um reflexo trágico das circunstâncias extremas e belicosas e da tentativa desesperada de manter a coesão das forças rebeldes na etapa final do conflito (p. 147-151).

Com o cerco fechado pelo General Setembrino, líder das forças "legais" e pela coluna do Comandante Potiguara, a vida no reduto de Santa Maria entrou em colapso. O isolamento e um forte surto de tifo desestruturaram a comunidade, e a fome extrema forçou os caboclos a comerem carne de cavalo, miolo de xaxim cozido e até pedaços de couro de cangaias e bruacas (p. 143-145). Para conter o desespero e evitar as deserções em massa, que aumentavam por causa das promessas de anistia do governo, Adeodato endurecia o controle de forma violenta (p. 151). Como parte desse regime de força, ele mandou decapitar o vidente Antoninho em Caçador e matou a própria esposa, Maria Firmina da Conceição, alegando que tinha sido traído por ela (p. 143, 146). Quando o movimento se concentrou no último reduto, em São Pedro, o controle virou um regime de terror que proibia inclusive o choro e o luto das viúvas (p. 147).

A desestruturação final aconteceu quando os vaqueanos atacaram São Pedro de surpresa, matando o líder religioso, Pai Velho, na porta da igreja. Famintos e desesperados, milhares se espalharam pelas matas (p. 148). Pouco tempo depois, Adeodato foi capturado desarmado e embriagado na região do Timbozinho, após ser denunciado por um conhecido ao inspetor local (p. 149-150). Ao encerrar o capítulo, o autor mostra como a memória sobre o comandante continua dividida. De um lado, a imprensa e os discursos oficiais criam a imagem de um monstro sanguinário que jogava corpos em chiqueiros de xaxim, de outro, sobreviventes como Miguel Corrêa de Souza humanizam o líder ao lembrar que ele andava com crianças no colo durante as rezas. Esta multifacetada visão do autor sobre as personagens da Guerra do Contestado ajuda a entender que a violência de Adeodato não era algo simples como uma "pura maldade", mas, sim, uma reação desesperada diante do fim trágico da guerra (p. 150-151).

Em síntese, o livro *As múltiplas faces do Contestado*, de Delmir Valentini, une uma narrativa de leitura fluida a interpretações profundas, ajudando a compreender de forma clara a complexidade e as contradições que marcaram o movimento do Contestado. Destaque-se que as múltiplas reedições do livro de Valentini, fruto de pesquisas acadêmicas, sugere uma abrangência ampliada do público leitor, doravante a circulação de uma produção científica e historiográfica não restrita ao público acadêmico.